

Mussulo

III

*que a voz te seja rio e o olhar mundo
em imo canto dourado das sombras*

encomendava-me minha mãe, da
bainha da morte a descoberto, com
Morro da Cruz ao fundo, obstinada
quantas vezes quisera matar minha
sombra e ela escarninha em meus braços
estendidos a auroras boreais, do
alto, rasante voo sobre o nada

mas no nervo da paisagem, pássaros
resgatados à treva dos limites
sabiam de horizonte prodigioso

azulado verbo, farol maldito,
nas veias endurecidas da casa
ousando milagre, eu, sob pedra e
ferro, rio no alvorecer espantoso

voz, quase mundo, timbre de mares em
febre adjacente à eternidade, do
Dande ao Kwanza, ao Tejo, ao Elba

ditosa fábula de quem presente
borboletas numa ciranda de luz
até à baía dos silêncios, mãe,
como se rasto de prece na selva

*que a voz te seja rio e o olhar mundo
em imo canto dourado das sombras*

in: *Conjugação de Mapas* (inédito).

No Relógio da Voz de Deus...

Para o Bruno, meu filho

trago tambores cravados na
seda alva de suas lágrimas
recortadas no salto mortal
do leopardo para o festim

sob um manto de borboletas
azulando o tronco seco da
viagem última gravada no
relógio da voz de deus em mim

trago também o tempo das
pitangas que o cio da savana
traça no punhado de razões
que a razão primeira não alcança

como se uma crisálida de
pedra estendesse asa sôfrega
nas ancas espíneas das
acácias da minha andança

trago no braçado trémulas
flores de negrume com os
olhos esbugalhados no
leito branco dos matagais

à espera que a vida prenda
na esteira do tempo o mel
a canela e a correnteza ao
silêncio de todos os sinais

trago porta escancarada
sobre archotes a caminho
da tempestade e do batuque
sem voz do sangue perdido

caçador acororado ali no
contrabando rio acima entre
pragas e cargas no lombo do
dia há muito escurecido

trago chicotes gargalhando
um ror de tempo no vaivém
dos insectos só febre nesse
eco amargo dos palmares

e suspiros na ponta de um
cigarro abraçado ao gosto de
veneno na ombreira do
medo agachado dos jantares

e no relógio da voz de deus
em mim trago a mão decepada
da noite encolhida num degrau
enferrujado tanta vez luar

diante do paraíso ido
reboa trovão cai o frio
sobre remorso embranquecido
colado aos mortos por velar

in: *Conjugação de Mapas* (inédito).

NOTA BIOGRÁFICA

Regina Correia nasceu em Viseu, em 1951. Viveu alternadamente em Portugal e em Angola para onde foi com oito meses de idade, tendo também nacionalidade angolana.

Em 1992, participou na 1.ª Reunião Multipartidária de Angola.

É licenciada em Filologia Germânica (Faculdade de Letras de Lisboa), leccionou Inglês e Alemão, no Ensino Secundário, em Angola e em Portugal, e Língua e Cultura Portuguesas, na Alemanha, em Estugarda (1980-1986) e em Hamburgo (1993-2009).

Entretanto, em colaboração com instituições cabo-verdianas, sobretudo, tem coordenado e participado em recitais de poesia e música de Cabo Verde e de outros países de língua oficial portuguesa.

Publicou, pela Universitária Editora, entre 1989 e 2000, *Os Enteados de Deus* (Prémio Revelação de Ficção), *Uma Borboleta na Cidade* (ficção) e *Noite Andarilha* (poesia). Em 2012, publicou, pela editora Alfabeta, *Sou Mercúrio, Já Fui Água* (poesia). As micronarrativas *Sírio* e *Conga* integram, respectivamente, a 1.^a e a 2.^a Antologia de Escritores de Língua Portuguesa, Z&L, Rio de Janeiro (2014; 2015).
É membro da APE – Associação Portuguesa de Escritores.